

O RISO DOS SANTOS E OS LABIRINTOS DA MENTE HUMANA

Primeiros passos: a matéria narrativa

O conto "Entre santos", de Machado de Assis,¹ após relatar uma situação inusitada, em que alguns santos conversam entre si sobre o comportamento e as atitudes dos seres humanos, conclui com o riso dos santos: "um riso modesto, tranqüilo, beato e católico", diferente daquele dos deuses de Homero que, quando viram Vulcano (ou Hefesto) servir à mesa, rebentaram em uma gargalhada infinita.

A cena retratada no conto machadiano ocorre na igreja de São Francisco de Paula e é presenciada pelo capelão, um padre velho que relata a história extraordinária. A estrutura narrativa se apresenta do seguinte modo: há um narrador principal, o suposto autor, que repassa a palavra para o padre velho. Aquele aparece apenas numa marca entre parênteses indicando que delega o relato a outro narrador, "(contava um padre velho)" (p. 484), e vai exercer também o papel de narratário, pois supõe-se que seja ele quem ouviu a história para então escrevê-la. O outro, aquele que conta "de fato", apenas ata as pontas para introduzir os outros relatos, onde a temática do conto se desenvolve e ganha densidade. Esse terceiro nível cabe aos santos, a São José, o episódio menor, e a São Francisco de Sales, o maior e mais detalhado.

¹ ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2. Todas as citações feitas ao longo do trabalho são retiradas dessa obra, com a indicação da página no corpo do texto.

A narração do antigo capelão funciona como uma espécie de moldura para que a outra possa desenvolver-se. Possui o seguinte teor: o padre presencia um fato extraordinário, ocorrido certa noite quando, ao verificar se as portas e janelas do templo estavam bem fechadas, percebe uma luz intensa, vinda de lugar nenhum, além de vozes. Assusta-se a princípio, pois, na época, os mortos eram enterrados nas igrejas. Depois, percebe que os santos haviam descido de seus nichos e, aparentando as dimensões de homens, conversavam a respeito da alma humana.

O padre fica trêmulo, arrepiado e perplexo. Depois, pensa que está enlouquecendo e que é salvo da loucura pela misericórdia divina. Por fim, perde a consciência para tudo o mais, vê-se capturado pela cena sobrenatural e avança na direção das vozes. Registra a presença da luz e o fato de que mantinham um tom de voz médio, mas que permitia ouvir com nitidez a conversa. O narrador descreve a espécie de luz que emanava dos santos, "era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua" (p. 485), e o som das vozes, "como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão" (p. 485).

Nesse colóquio, os santos comentam e inventariam as orações e pedidos que os fiéis haviam feito naquele dia. Segundo o narrador, eram todos "terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escarpelam um cadáver" (p.485).

Do ponto de vista da verossimilhança, a questão parece estar resolvida. Trata-se de um caso excepcional que poderia estar situado na categoria dos milagres uma vez que, da perspectiva cristã, católica, há vários pontos doutrinários que versam sobre aqueles.

Participam do diálogo São José, São Miguel, São João Batista e São Francisco de Sales, além do orago, São Francisco de Paula. O narrador informa que São Francisco de Paula e São João Batista eram "duros ascetas" e ficavam "enfadados e absolutos", enquanto

São Francisco de Sales era indulgente. E também refere o famoso livro desse santo: *Introdução à vida devota*, que é também intitulado de *Filotéia*.²

São relatados dois casos de fiéis que durante o dia se haviam prostrado diante dos santos em busca de alguma graça. Primeiro, uma devota de São José, adúltera, queria que ele a purificasse da "lepra da luxúria". Iniciou rezando piamente e sinceramente concentrada, mas, aos poucos, seu pensamento foi-se distanciando, voltando-se para os deleites dos primeiros momentos, e ela afrouxou a reza, que se tornou morna e inconsciente. Por fim, levantou-se e saiu sem pedir nada.

É preciso notar a ironia que subjaz ao relato: a adúltera vinha pedir ajuda porque havia sido humilhada e injuriada pelo namorado, havia chorado a noite toda, queria deixá-lo. Isto é, não por uma inclinação sincera vinha ela pedir uma graça, a liberação do pecado da luxúria, mas por causa de seu amor-próprio ferido. E, no entanto, o amor-próprio ainda é nela uma paixão menor do que o é a luxúria, visto que no meio da oração já esquece as ofensas e parte sem pretender a cura. O condescendente São Francisco de Sales refere-se a ela como uma "pobre alma ferida do mal da terra" e parece indicar que se trata de um pecado menos grave, visto que a graça do Senhor ainda a poderia salvar.

O outro, de nome Sales, dirigiu-se a São Francisco de Sales. O relato a seu respeito é mais longo. Trata-se de um homem de cinquenta anos cuja mulher estava doente, com uma erisipela na perna esquerda. O mal vinha-se agravando há dias, e ele já estava ficando muito aflito. Ninguém, entretanto, acreditava que ele pudesse estar sofrendo, pois julgava-se que em sua mente não poderia entrar nenhum afeto, a não ser o dinheiro, uma vez que era um avarento digno de nota.

Como todos os avaros, guardava seu tesouro em armários fechados a sete chaves, que abria de vez em quando a altas horas, a fim de contemplá-lo e depois o guardava novamente. Também, como eles, vivia mal, comendo apenas para não morrer. Não tinha filhos e apenas uma criada servia a ele e à mulher. Chegou ao ponto de libertar o cadáver de

² SALES, São Francisco de. *Filotéia* ou *Introdução à vida devota*. Tradução de Frei João José P. de Castro. Petrópolis: Vozes, 2008. Todas as citações dessa obra ao longo do trabalho têm indicação da página no corpo do texto.

uma escrava, que fez enterrar "como pessoa livre e miserável", para não ter que pagar o enterro como seu dono que fora em vida. Não almejava ter representatividade social, nenhuma recreação de família, pois tudo custava dinheiro.

O pedido que fez ao santo ocorreu em conformidade com o seu caráter e sua constituição psíquica. Assim, ao dirigir-se à igreja, pensou em oferecer-lhe uma perna de cera em troca da cura da mulher. Segundo São Francisco, esta seria uma idéia de usurário. No decorrer da oração, a perna de cera e a moeda que deveria ser gasta para tanto começaram a dançar em sua mente e ele chegou a ter alucinações.

Decorrido certo tempo nesse impasse interior, propôs uma nova transação, prometendo trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. Depois, foi aumentando a cifra e chegou a mil. E não via essas cifras escritas com letras do alfabeto, mas em números. Assim, ficou explícito que a religião do Sales era de ordem econômica, e mesmo a mulher, que representava o seu único elo afetivo, estava submetida aos ditames dessa paixão ou obsessão maior que o tomava: a avareza.

Eis o teor da narrativa feita pelo santo narrador. Nota-se que ela traz em si inclinações contraditórias: de um lado, a indulgência, a benevolência e a compreensão; de outro, a visão implacável, o olhar cortante do psicólogo terrível.

A visão de São Francisco de Sales, o santo autor

Com o objetivo de ampliar as perspectivas de interpretação do texto machadiano, volta-se a atenção para o significado de São Francisco de Sales no contexto histórico e religioso. Através da recuperação de dados da sua vida e obra, busca-se avaliar as possibilidades de estabelecer semelhanças entre o santo autor e o santo narrador, numa leitura comparada, bem como detectar possíveis razões pelas quais Machado de Assis delega a ele a prerrogativa de narrar o episódio mais denso do conto.

São Francisco de Sales nasceu em 21 de agosto de 1567, de família nobre, no castelo de Sales, na Sabóia. Em Paris, realizou estudos de retórica e filosofia, sob a direção dos padres da Companhia de Jesus e, em Pádua, doutorou-se em teologia e direito. Contrariando o desejo de seus familiares, de que ele então se casasse, decidiu-se pelo sacerdócio. Foi bispo de Genebra, e muito se empenhou na reconquista de fiéis que tinham abandonado o catolicismo em favor do calvinismo. Ao lado da vida ativa de bispo e pregador, escreveu várias obras de ascese cristã. Entre elas está a obra citada no conto de Machado de Assis, *Filotéia* ou *Introdução à vida devota*. Morreu em 28 de dezembro de 1622, foi canonizado em 1665 e, em 1877, elevou-se à dignidade de doutor da Igreja. Consta que era dono de paciência e mansidão inalteráveis em todas as vicissitudes da vida e tinha também um coração terno e compassivo.

No livro *Filotéia* (o termo significa o amor, a amizade de Deus), pode-se notar a presença de um estilo primoroso, elegante, mas, ao mesmo tempo, revelador dos desvãos da alma. Com o intuito de dar instruções para o culto da devoção, o texto, no entanto, não permanece no âmbito do estabelecimento de regras morais e religiosas. Revela, em diferentes momentos, as motivações e a matéria de que são constituídos o caráter e os atos humanos. Semelhante ao estilo machadiano, contrapõe a leveza estilística da forma à obscuridade e concretude do conteúdo, e esse contraste produz um efeito corrosivo que parece anular a verdade que o texto poderia encerrar.

Pode-se comprovar essa atitude autoral quando, em certo momento, o santo pretende definir o que constituiria uma alma devota. Em princípio, certas atitudes, como jejuar, cultivar a virtude da temperança, dar esmolas aos pobres, orar, perdoar os inimigos são consideradas devotas e poderiam ser simplesmente apregoadas como tais. E o são, em geral, mas São Francisco, em seu texto, argumenta que não basta realizar tais práticas, pois elas podem abafar outras tendências da alma, o que anularia o seu efeito redentor ou reformador. Assim se manifesta:

Quem é dado ao jejuar tem-se na conta de um homem devoto quando é assíduo em jejuar, embora fomenta em seu coração um ódio oculto; e, ao passo que não ousa umedecer a língua com umas gotas de vinho, ou

mesmo com um pouco de água, receoso de não observar a virtude da temperança, não se faz escrupulos de sorver em largos haustos tudo o que lhe insinuam a murmuração e a calúnia, insaciável do sangue do próximo. Uma mulher que recita diariamente um acervo de orações se considerará devota, por causa desses exercícios, ainda que, fora deles, tanto em casa como alhures, desmande a língua em palavras coléricas, arrogantes e injuriosas. Este alarga os cordões da bolsa pela sua consideração com os pobres, mas cerra o coração ao amor do próximo, a quem não quer perdoar. Aquele perdoa ao inimigo, mas satisfazer as dívidas é o que não faz sem ser obrigado à força. Todas essas pessoas têm-se por muito devotas e são talvez tidas no mundo por tais, conquanto realmente de modo algum o sejam (p. 28).

A visão do autor a respeito do que deveria ser uma alma devota, isto é, de como deveria alguém agir para alcançar maior perfeição, não fica muito evidente nesses casos. Mas as contradições que rondam a alma humana possuem um acento específico e podem ser detectadas ao longo do texto.

Ainda na mesma perspectiva – de acentuar a incapacidade de agir conforme determinada coerência moral, sempre apregoada, mas dificilmente vivida –, traz o exemplo de um pintor de nome Aurélio que, para representar a devoção, costumava desenhar em seus painéis as mulheres a quem consagrava estima e apreço. Então, conclui o autor que "cada um se afigura e traça a devoção, empregando as cores que lhe sugerem as suas paixões e inclinações" (p. 28).

Ora, se a perfeição vem sempre atravessada pelas paixões e pela cegueira que impõem à alma, como explicitar a natureza da perfeição ou da vida devota? Essa prerrogativa, na visão de São Francisco de Sales, passa pela graça, pelo amor de Deus, embora o livro *Filotéia* apresente importantes reflexões para que a alma possa se libertar de algumas armadilhas que a cercam. Trata-se, enfim, de um livro edificante.

Os labirintos da alma humana, ou por que a promessa da perna de cera não saiu

Há certa semelhança entre a visão machadiana do mundo e a de São Francisco de Sales. Não é sem motivo que Machado lhe dá a voz principal da narrativa: através dela o tema do conto se explicita e ganha os contornos específicos que o caracterizam. Ele faz essa escolha por razões estéticas. É como se Machado escrevesse do ponto de vista do Santo, tal como se pode depreender da *Introdução à vida devota*, com o mesmo tom, cheio de gentileza e mansidão, com umas perspectivas estilísticas muito próximas, visíveis principalmente na escolha vocabular, na configuração mais expansiva das frases e períodos e na forma aparentemente indulgente com que expõe o sofrimento interior do pobre avarento. Não coincidem, todavia, as duas visões, a do santo autor e a do santo narrador. Aquele considera não só a possibilidade, mas também a necessidade de se levar uma vida devota, isto é, de vencer as imperfeições, pela oração e pela graça, enquanto esse propõe o riso como saída.

O texto de Machado mostra, a partir da perspectiva do santo narrador, que cada um busca a perfeição a partir **de** suas próprias inclinações e paixões. O que resulta na impossibilidade de alcançar essa perfeição, pois as paixões são uma espécie de cegueira que impede a visão mais lúcida a respeito das coisas, do mundo. É condição natural dos seres humanos esse defeito, essa falha. E tanto o santo autor como o santo personagem examinam como se configura na alma humana, como se conforma, essa condição de ser humano.

É assim que as duas personagens do conto de Machado, a despeito de suas belas intenções, uma de livrar-se da luxúria e a outra, de pedir a salvação da mulher, o fazem atravessadas pelas próprias inclinações, uma pela sensualidade e outra pela avareza. Não são personagens condenáveis, em termos absolutos, mas erram por força de uma inclinação interior que as induz a comportarem-se e sentirem de determinada forma, condicionando suas ações e pensamentos.

Sales não é inteiramente ou unicamente avarento. Há lugar para o afeto sincero, embora não perfeito. É assim que o santo apresenta essa qualidade que, apesar de improvável num ser avarento, lhe pertence: "O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por ele, e sua confidente de mais de vinte anos, a mulher deste Sales é

amada deveras pelo marido. Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor" (p. 488).

E mais adiante São Francisco reafirma que Sales está realmente aflito com a possibilidade de perder a mulher, por isso está em busca de um milagre. Mas a sua disposição mental, conformada pela mania, não pode ser diferente do que é no momento em que faz o pedido ao santo. E o narrador, arguto, analisa os subterrâneos em que ela se configura ou forma. Na verdade, ao dispor-se a fazer a promessa, Sales mostra querer de fato a vida da mulher, pois em sua concepção, que é mais intuição, ele sabe que "despender é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lho a consciência pela mesma boca escura" (p. 488).

A acuidade desse psicólogo terrível ainda vai mais longe, quando observa: "Sabeis que pensamentos tais não se formulam como outros, nascem das entranhas do caráter e ficam na penumbra da consciência. Mas eu li tudo nele logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fúlgido de esperança" (p. 488).

Segundo São Francisco de Sales, na *Introdução à vida devota*, o avarento é um ser inquieto, e a inquietação é o maior mal da alma, com exceção do pecado. Considera também que "a avareza é uma febre esquisita, que tanto mais se mostra imperceptível quanto mais violenta e ardente se torna". E mais, observa que "o fogo da avareza devora e consome o avarento sem o queimar; ao menos, ele não lhe sente os ardores, e a alteração violenta que lhe causa parece-lhe uma sede natural e suave" (p. 238). O texto do santo **segue** adiante, mostrando que é necessário livrar-se da avareza, que é uma inquietação para o espírito, que não é lícito desejar adquirir bens que pertencem a outrem.

Ora, o Sales personagem é um ser que leva dentro de si um fogo que o consome e que chega a produzir-lhe alucinações. E ele não se reconhece como avaro em momento algum e segue as suas inclinações inconscientemente também no momento da reza; por isso, a transação com o santo é feita em moldes menos dispendiosos, e a promessa da perna de cera acaba por não se efetivar.

O riso dos santos

O texto machadiano reflete, em sentido mais amplo, a visão de mundo do texto salesiano, mas não se propõe os mesmos objetivos finais. Do ponto de vista do conteúdo e do caráter do discurso, bem como do modo discursivo, há similitudes. O modo discursivo é semelhante, principalmente, porque a voz narrativa pretende ser a do próprio santo. E essa é uma escolha intencional. Nota-se que o santo narrador do conto de Machado de Assis se vale do mesmo modo elegante de reprochar as vítimas humanas que o santo autor da *Introdução à vida devota*. Quando começa a narrar a história de Sales, por exemplo, São Francisco, narrador do conto, adianta que já concedeu a graça ao solicitante. Já intercedeu junto ao Senhor para que a mulher de Sales fosse salva. Mas, mesmo assim, desvela as entranhas do seu caráter, sem piedade. Faz o mesmo, o santo autor da *Filotéia*, quando reprocha o indivíduo que pensa ser uma alma devota porque perdoa aos inimigos, mas só à força satisfaz as suas próprias dívidas.

Mas há um aspecto importante em que eles divergem: o humor. O santo narrador de Machado de Assis é um humorista. Ele convoca os santos a rirem. Enquanto o santo **autor da *Introdução à vida devota*** quer propor alguma forma de transformação pessoal.

Segundo Propp³, o âmbito da religião e o do riso excluem-se mutuamente. Mas faz uma ressalva de que nem sempre o riso e a alegria são, ou foram, incompatíveis com a religiosidade. Cita o caso, na Antigüidade, das saturnais e ritos dionisíacos. Já a religião cristã, na sua ascética, considera o riso e o rito religioso como contrários. Os santos católicos não deveriam rir, e não ri, de fato, São Francisco de Sales na sua obra destinada à alma devota. Mas no conto de Machado, enquanto personagem narrador, exorta os santos a rirem, não da mesma forma que os deuses gregos, que riem a gargalhada infinita, mas, ainda assim, um riso.

³ PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

Que riso é esse dos santos? O que o está ocasionando? Veja-se primeiro como se caracteriza o riso dos deuses de Homero. Na *Ilíada*, no Canto I,⁴ há uma referência à gargalhada infinita dos deuses ao perceberem Hefesto solícito pela sala. Os deuses estavam reunidos em um banquete em que, além das taças, lhes era servido o néctar. A cena ocorre logo após Hefesto convencer a mãe, Hera, a não interferir nos desígnios de Zeus, com o argumento de que seria difícil uma contenda com o pai, visto que da vez anterior em que a defendera, fora jogado por ele do alto e ficara rolando um dia inteiro. Hefesto era um ser defeituoso, coxo, devido a tal vicissitude, mas armou um estratagema para poder estar no Olimpo enquanto quisesse. Confeccionou uma poltrona de muita graça, que agradou tanto a Hera que ela sentou-se nela, mas depois não conseguia levantar-se, vendo-se obrigada a solicitar a ajuda de Zeus; este convenceu Hefesto a solucionar o problema, o que foi feito, mas com algumas condições, entre as quais poder ele, Hefesto, permanecer entre os deuses no Olimpo.

Ora, os deuses homéricos riem de Hefesto, dos seus defeitos, da sua feiúra. E também por estar servindo, apesar de sua origem divina. A situação em relação aos deuses gregos é assim referida no texto machadiano: "E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, [...]" (p. 490). O acento pode ser posto no riso descomposto dos pares, no fato de ser ele coxo e de estar a servir. Os deuses prorrompem numa gargalhada, mas eles possuem a prerrogativa de dar livre curso aos seus impulsos, são deuses, são gregos, pertencem a outro tempo.

Já os santos do conto machadiano, cuja existência está delimitada pelo cristianismo, riem um riso "modesto, tranqüilo, beato e católico", um outro riso, portanto. A personagem de São Francisco de Sales, exercendo o papel de narrar um dos episódios e proceder a uma minuciosa análise psicológica, é que invectiva o riso. Logo que inicia seu processo de enunciação, já aparece a intenção do riso:

⁴ HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Tecnoprint [19-].

Exageras tudo, João Batista, atalhou o santo bispo, não exageremos nada. Olha – ainda hoje aconteceu aqui uma coisa que me fez sorrir, e pode ser, entretanto, que te indignasse. Os homens não são piores do que eram em outros séculos; descontemos o que há neles ruim, e ficará muita coisa boa. Crê isto e hás de sorrir ouvindo o meu caso. (p. 486)

A manifestação de São Francisco vem como contraponto dialógico ao pensamento de São João Batista, quando este diz estar criando um sentimento singular em santo, a descrença nos homens. Mostra que, aparentemente, o primeiro cultivava um sentimento cordial, complacente em relação à humanidade. E isso é verdadeiro, mas não é tudo, uma vez que há o sorriso, algo inexplicável em um santo.

As razões do riso dos santos, esses habitantes do mundo sobrenatural, tal como os deuses gregos, estão, possivelmente, relacionadas aos defeitos dos seres humanos, mas, neste caso, não são os defeitos físicos os objetos da atenção, como no caso de Hefesto, e sim os psicológicos, ou da alma. O risível, o cômico é o ser humano com suas imperfeições.

Trata-se de um riso irônico, marcado pelo distanciamento e superioridade daqueles que riem, os santos, cuja posição mais alta é indiscutível. Há uma distância entre eles e os seres humanos, a mesma que Foucault vislumbrou a respeito de Erasmo de Roterdã, que se refere à loucura de forma humorística, fazendo-lhe um elogio. Foucault analisa essa atitude do seguinte modo: "Erasmo observa-a [a loucura] a uma distância suficiente para estar fora de perigo; observa-a do alto de seu Olimpo, e se canta seus louvores é porque pode rir dela com o riso inextinguível dos deuses".⁵ De fato, o narrador transcendente do conto machadiano está colocado a uma distância intransponível que lhe permite o riso, uma vez que não está mais implicado na mesma condição.

Algumas das importantes formulações teóricas a respeito do risível, do cômico, parecem não se coadunar com a perspectiva estética do conto "Entre santos". Não parece ser o humor apregoado por Comte-Sponville, que quer um riso redentor: "O riso deveria trazer um pouco de alegria, um pouco de doçura ou de leveza à miséria do mundo e não

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 25

mais ódio, sofrimento e desprezo".⁶ Tampouco se poderia deduzir que esse riso quisesse censurar os defeitos ou o ridículo, como previa Aristóteles;⁷ nem mesmo desfazer a rigidez que assola certos comportamentos e que, em dado momento, é preciso distender, o que se daria através do cômico, como pensava Bergson.⁸ Embora tais perspectivas, as duas últimas, pudessem ser **vinculadas** e mesmo aplicadas ao conto, a partir de determinada ótica, há o risco iminente da incoerência, visto que o riso, para ser eficaz, deveria estar na boca dos seres humanos e não dos santos. A não ser o riso erasmiano, também distanciado e paradoxal, outro não há que se possa utilizar para explicar o do conto "Entre santos". Parece que, ao descer às profundezas da alma humana, naquela região que o narrador denomina de "penumbra da consciência", o autor saberia da inutilidade tanto de todos os preceitos como das finalidades de todos os risos.

Eunice Terezinha Piazza Gai
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eunice T. Piazza Gai é professora do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. Publicou o *Livro Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis* (Editora da UFSM, 1997), além de vários artigos e capítulos de livros sobre temas machadianos.

⁶ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 233

⁷ ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

⁸ BERGSON, Henri. *O riso*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980